

AS CONCEPÇÕES DE MEMÓRIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: ESTUDO PRELIMINAR SOBRE A OCORRÊNCIA DO TEMA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Resumo

Resultados parciais de pesquisa descritiva e explicativa sobre as concepções de memória identificadas na literatura especializada em Ciência da Informação e seus reflexos na produção dos cientistas da informação no Brasil. Parte da hipótese que o tema memória desempenha papel periférico nas preocupações da área. Cita estudos desenvolvidos nas ciências humanas e sociais e observa que, na Ciência da Informação, o tema é mais presente em textos que tratam de Gestão do Conhecimento. Apresenta análise quantitativa dos dados obtidos a partir da identificação de documentos que abordam o tema memória, a saber: teses e dissertações produzidas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação do Brasil e artigos de periódicos vinculados a esses programas. Os resultados do pré-teste não evidenciam uma preocupação direta dos pesquisadores da área com a temática da memória, o que pode ser observado nos números pouco expressivos de teses, dissertações e artigos de periódicos identificados.

Palavras-chave: memória; memória coletiva; memória social; ciência da informação; conservação; preservação.

THE CONCEPTIONS OF MEMORY IN THE INFORMATION SCIENCE IN BRAZIL: PRELIMINARY STUDY ON THE OCCURRENCE OF THE SUBJECT IN SCIENTIFIC PRODUCTION.

Abstract

It shows partial results of descriptive and explicative research about conceptions of memory identified in the literature specialized in Information Science and its consequences on the studies of the information scientists in Brazil. It is considered that the subject memory plays peripheral role in the concerns of the area. Cite studies developed in the humanities and social sciences and notes that, in Information Science, the memory issue is more significant in texts dealing with Knowledge Management. It presents a quantitative analysis of the data obtained from the documents identification that approaches the subject memory: dissertations and theses produced in brazilian programs of Information Science and articles of journals entailed to these programs. The partial results do not evidence a direct concern from the researchers with the subject memory. It can be observed at the small numbers of dissertations, theses and periodic articles about memory.

Keywords: memory; social memory; collective memory; informatic science; conservation; preservation.

Eliane Braga Oliveira

Professora do curso de Arquivologia da Universidade de Brasília. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação
elianebo@unb.br

Georgete Medleg Rodrigues

Professora Doutora do curso de Arquivologia e do programa de pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília.
georgete@unb.br

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) é, reconhecidamente, uma área do conhecimento que tem a interdisciplinaridade como uma de suas características. Na sua dinâmica de desenvolvimento, estabelece relações com diversas outras áreas, tanto das chamadas ciências exatas quanto das humanas e sociais. Documentação, Biblioteconomia, Computação, Filosofia, Lingüística e Comunicação, dentre outras disciplinas, contribuem, em maior ou menor proporção, para a construção do conhecimento na CI, na medida em que seus conceitos e modelos metodológicos são utilizados em novas abordagens do objeto informação. (BORKO, 1968; LE COADIC, 1996; SARACEVIC, 1992; WERSIG, 1975)

De fundamental importância para as áreas que trabalham com os registros da informação, o tema memória, tal qual a informação, não é objeto exclusivo de uma área de estudo e vem sendo tratado por diversos domínios do conhecimento. (GONDAR e DODEBEI, 2005, p.7; SANTOS, 2003, p.12). Enquanto objeto de estudo, a memória pode ser abordada pela Neurociência, pela Filosofia, pela Psicologia, pela Educação ou pela História, dentre outras possibilidades, conforme o aspecto que se quer estudar.

No âmbito da Ciência da Informação, Pinheiro (2005) identifica o tema memória na base do próprio surgimento da CI, quando afirma:

A Ciência da Informação tem dupla raiz: de um lado a Bibliografia/Documentação e, de outro, a recuperação da informação. Na primeira o foco é o registro do conhecimento científico, a memória intelectual da civilização e, no segundo, as aplicações tecnológicas em sistemas de informação, proporcionadas pelo computador. (Pinheiro, 2005, p.16).

Considerando-se a raiz Bibliografia/Documentação, é de se esperar que a conservação dos registros da informação, atividade prevista no *Traité de Documentation* de Paul Otlet¹ (1934), obra fundadora da área, seja, também, uma preocupação pertinente à

¹ No texto original submetido à revista e publicado em 23 de dezembro de 2009, constava o seguinte: "... atividade prevista no *Traité de Documentation*, de Paul Otlet e Henri La Fontaine (1934)...". A alteração foi feita a pedido das autoras, posteriormente à publicação, e realizada em 03 de março de 2010.

Ciência da Informação. Além disso, podemos acrescentar que a recuperação da informação, outra raiz da CI identificada por Pinheiro, é essencialmente mediada por representações da informação, o que remete a questões cognitivas nas quais a memória também está implicada.

Convém ressaltar, ainda, a característica interdisciplinar da CI - presente desde os primeiros momentos de sua constituição como área do conhecimento - que amplia as possibilidades de uso do conceito de memória. É possível, portanto, pressupor que, na CI, são utilizadas diferentes concepções de memória, conforme o contexto no qual ocorrem os processos informacionais, os problemas a resolver, ou a abordagem que se pretende utilizar para solucioná-los.

Um aspecto crucial para esta pesquisa é a mudança de paradigma característico da CI, cujo foco deixa de ser o documento, objeto característico da Documentação, para ser o seu conteúdo, ou seja, a informação nele assentada (ROBREDO, 1994, p.1). Isto afeta diretamente as relações da Ciência da Informação com as áreas que tradicionalmente trabalham com os registros da informação como a Arquivística e a Biblioteconomia, especialmente quando instadas a responder questões específicas relacionadas à formação de acervos digitais, no que diz respeito a sua organização, preservação e ao acesso à informação neles existentes.

Em suas reflexões sobre a preservação dos registros informacionais em um contexto de uso intensivo de tecnologias de informação, Ribeiro (2005) ressalta a necessidade de repensar algumas práticas profissionais e vincula a preservação da memória à gestão da informação. Para a autora, o documento digital exige que a decisão sobre a conservação da memória seja tomada no ato de criação da informação, sob o risco de não ser possível mantê-la integralmente. Cabe questionar, então, se as concepções de memória que permeiam o conhecimento sistematizado pela CI contemplam essa perspectiva.

2 OS ESTUDOS SOBRE MEMÓRIA

De forma genérica, pode-se definir memória como a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes registros (sonoros, imagéticos, textuais etc.), graças a um conjunto de funções psíquicas.

Desde o tempo em que a memória era considerada um dom divino, na Grécia Arcaica, passando pelo processo de laicização - a partir do qual foram desenvolvidas as técnicas mnemônicas, pela retórica, pela ética, até o período no qual passou a ser estudada na perspectiva científica, muitos foram os pensadores e cientistas que contribuíram para melhor compreensão de seu conceito e dos fenômenos a ela relacionados.

Por muito tempo, durante a Antiguidade, a memória foi considerada algo sublime, religioso, que elevava os mortais ao mundo das divindades. Os gregos da época arcaica consideravam a memória uma entidade divina: a deusa Mnemosine, que conferia seu dom a determinados homens, como os poetas, por exemplo. A memória tinha, portanto, um sentido místico, supra-individual (BARRENECHEA, 2005, p.56), já que as divindades se expressavam através de seus intérpretes: os homens que lembravam.

Na trajetória de suas práticas e conceitos, a memória passa por um processo de laicização e desempenha um papel de fundamental importância no desenvolvimento das idéias na Europa, conforme mostra Frances Yates em sua obra *The Art of Memory* (1966).

Observa Le Goff (2003, p.435) que a laicização da memória, combinada com a invenção da escrita, permitiu à Grécia o desenvolvimento da mnemotecnica. As técnicas mnemônicas propõem um conjunto de regras que permite a reprodução de discursos através da construção de lugares e imagens na memória, aos quais são associadas palavras e idéias que precisam ser lembradas. Ao utilizar as técnicas mnemônicas, os oradores da Antiguidade proferiam seus discursos percorrendo um lugar imaginário, onde estavam depositadas as imagens construídas.

Aristóteles entendia a memória como um estado induzido por uma imagem mental e a incluiu na sua teoria do conhecimento como uma das funções cognitivas ou intelectivas. A

parte da alma responsável pela produção de imagens seria também a responsável pela memória (ARISTÓTELES, tradução de HETT, 2000, p.291). Atualmente, a associação de conceitos a imagens é considerada de fundamental importância para o funcionamento da memória.

A contribuição de Henri Bergson, considerado um dos filósofos mais importantes do século XX, foi um marco para os estudos da memória, ao abordá-la como algo que estava além da atividade física. Em sua obra *Matéria e Memória*², de 1896, Bergson procura superar uma visão dualista que contrapunha espírito e matéria, ao estabelecer uma relação entre ambos a partir da memória.

O autor distingue dois tipos de memória: a memória hábito e a memória pura. A primeira, fixada no organismo, é a memória que adquirimos automaticamente através da repetição contínua de alguma coisa, seria “antes hábito que memória” (BERGSON, 1999, p.176); a segunda seria a memória propriamente dita que independe da repetição para gravarmos, pois se refere ao ato de recordar imagens do passado.

Apesar de distinguir claramente a memória hábito da memória pura, longe de estabelecer uma relação de exclusão entre ambas, Bergson as vincula ao estabelecer uma relação de apoio mútuo entre elas.

[...] A memória do corpo, constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou, é portanto uma memória quase instantânea para a qual a verdadeira memória do passado serve de base. [...] Para que uma lembrança apareça na consciência é efetivamente preciso que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso em que se realiza a ação. (BERGSON, 2006, p.92)

² Neste trabalho, foi utilizada a tradução de Paulo Neves: NEVES, Paulo. **Matéria e Memória**. 2. ed.: São Paulo, Martins Fontes, 1999. Publicação original: BERGSON, Henri. **Matière et Mémoire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1939.

Ao desenvolver uma abordagem psicológica, Bergson limita sua análise ao aspecto individual da memória, o que não diminui a importância de seu trabalho filosófico para o entendimento do tema.

No entanto, além de fenômeno individual e psicológico, a memória pode ser, também, analisada enquanto fenômeno social, produto das relações sociais estabelecidas pelos homens. Esse enfoque passou a ser objeto de análise especialmente da Sociologia e da Psicologia no início do século XX, conforme indica Santos (2003):

Dois intelectuais, o sociólogo Maurice Halbwachs e o psicólogo Frederic Charles Bartlett, estabeleceram, nas primeiras décadas do século XX, as bases teóricas que nos permitem rejeitar com maestria a separação rígida entre memória e sociedade e definir a memória como sendo uma construção social. A contribuição desses autores (...) foi mostrar que a memória fazia parte de um processo social, em que indivíduos não são vistos como seres humanos isolados, mas interagindo uns com os outros, ao longo de suas vidas e a partir de estruturas sociais determinadas. (SANTOS, 2003, p.33)

Barrenechea (2005) localiza o início dos estudos do aspecto social da memória a partir do século XIX, ressaltando a importância do pensamento de Nietzsche para os estudos da memória, expresso, especialmente, em sua obra *Genealogia da moral*. Nietzsche, afastando-se das concepções da metafísica e das religiões, entende a memória como algo criado, gerado e imposto socialmente. A memória surge quando são deturpadas as condições de espontaneidade do homem primitivo. Em sua origem, o homem é um bicho que esquece permanentemente. Apenas o instinto era necessário para a satisfação de suas necessidades. A inexistência da consciência e da memória possibilitava ao homem estar em contato permanente com as forças da natureza e digerir completamente suas experiências, da mesma forma que digeriria fisicamente os nutrientes. A memória teria surgido a partir da necessidade de fazer frente a grandes ameaças para a sobrevivência dos grupos, ou seja, ela surge a partir de determinadas condições sociais, razão pela qual não existe individualmente (BARRENECHEA, 2005).

Entre os estudiosos do tema, no entanto, existe um relativo consenso, em identificar o trabalho de Maurice Halbwachs como marco inaugural de um novo campo discursivo. Aluno de Bergson durante alguns anos, Halbwachs distancia-se do antigo mestre ao desenvolver estudos nos quais considerou a memória como fenômeno social, cabendo a ele a criação do termo memória coletiva. Apesar de reconhecer a existência de uma memória dita individual, Halbwachs (2004), sustentava que a memória deve ser entendida, sobretudo, como um fenômeno coletivo ou social uma vez que a memória individual contém também aspectos da memória do grupo social ao qual o indivíduo pertence, e está em constante interação com a sociedade:

[...] podemos perfeitamente dizer que o indivíduo recorda quando assume o ponto de vista do grupo e que a memória do grupo se manifesta e se realiza nas memórias individuais. (HALBWACHS, 2004a, p.11, tradução nossa).

Pertencente à segunda geração da chamada Escola Sociológica Francesa, Halbwachs inaugura uma corrente de pensamento que identifica na memória a função de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela “adesão afetiva”, ao proporcionar ao indivíduo o sentimento de pertencimento a um determinado grupo que compartilha memórias, a “comunidade afetiva” (HALBWACHS, 2004b, p.38, tradução nossa). Essa coesão é obtida através do que ele denominou de “quadros sociais da memória”, mecanismo estruturante através do qual os valores são compartilhados pelos diversos grupos sociais. Recordar, para o indivíduo, é, portanto, reconstruir o passado a partir dos quadros sociais presentes em seu grupo. Família, religião e classe social são elementos analisados por Halbwachs nas construções e no compartilhamento dos quadros sociais.

Os quadros sociais não são estruturas estanques e se modificam na dinâmica das interações sociais realizadas pelos indivíduos. Halbwachs identifica duas causas para essa modificação: a transformação da densidade das relações sociais e o nascimento de uma hierarquia de papéis dos indivíduos no grupo, resultante do fato de que cada indivíduo participa de diversos grupos.

O desenvolvimento social, no entanto, traz alguns complicadores para a memória coletiva. Nas sociedades tradicionais, a memória estava incorporada ao cotidiano através da tradição e dos costumes. No mundo moderno, ela precisa ser incorporada a lugares socialmente instituídos para ser produzida e reproduzida. Nesse sentido, Pierre Nora (1993) apresenta o conceito de “lugares da memória” como uma estratégia, inventada pelas sociedades contemporâneas, para o problema da perda de identidade dos grupos sociais e da ausência de rituais mnemônicos. Além dos arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação também são lugares da memória socialmente instituídos e legitimados para a preservação dos materiais da memória nacional, “chaves” da memória coletiva dos povos.

No entanto, esses lugares são vulneráveis a aspectos conjunturais, particularmente aqueles relativos à racionalidade administrativa e à inovação tecnológica, que muitas vezes colocam em risco sua própria existência. Não é difícil identificar casos onde os argumentos utilizados na política de gestão da informação são destituídos de qualquer reflexão sobre o problema da memória.

Este cenário, no qual se defrontam questões de ordem teórica, tecnológica e gerencial, parece apontar para a necessidade de explicitar definições ou concepções de memória que operem no sentido da preservação dos registros informacionais relevantes para a construção da memória social.

3 A MEMÓRIA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Uma análise preliminar da literatura referente à Ciência da Informação (CI), não evidencia uma preocupação direta dos pesquisadores da área com a temática da memória. No entanto, as duas raízes da CI identificadas por Pinheiro e citadas anteriormente neste texto podem conduzir a estudos sobre o tema.

No *Traité de Documentation. Le livre sur le livre. Théorie et pratique* de Paul Otlet (1934), marco fundador da Documentação, o autor explicita a conservação como um dos objetivos da nova ciência por ele proposta. Apesar de não ser explícita a menção ao termo memória, a idéia de formação e conservação de uma memória do conhecimento, através da preservação dos registros da informação perpassa o conteúdo da obra. A esse respeito, Pinheiro tece uma consideração relevante para esta pesquisa ao afirmar que com o Tratado surge “a idéia de bibliografia sob o aspecto de registro, memória do conhecimento científico, desvinculada dos organismos, entre os quais arquivos e bibliotecas, e não relacionada a acervos e coleções” (PINHEIRO, 2002).

A mesma preocupação com a organização e a recuperação da informação em grandes volumes documentais, norteadora do trabalho de Otlet, foi objeto das reflexões de Vannevar Bush no período imediatamente posterior à Segunda Grande Guerra. A partir do reconhecimento da limitação da memória humana em assimilar e reter um grande volume de informações de forma satisfatória, o autor concebe um mecanismo de memória auxiliar, o MEMEX, com o objetivo de melhorar a recuperação da informação e, conseqüentemente, tornar mais ágil a produção do conhecimento (BUSH, 1945).

Tendo em vista a importância desses dois autores na constituição e no desenvolvimento da CI, é de se esperar a ocorrência de estudos sobre o tema na literatura da área.

Reforçando essa expectativa, as análises epistemológicas desenvolvidas por autores de reconhecida autoridade na Ciência da Informação, como, por exemplo, Saracevic, Capurro e Wersig abrem, ainda que implicitamente, a possibilidade de inclusão de estudos sobre memória a partir de abordagens diferenciadas. Saracevic (1996, p.47) entende a CI como um campo dedicado aos “problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual”. Capurro (2005), em sua análise sobre os paradigmas epistemológicos da CI, identifica os paradigmas físico, cognitivo e social, a partir dos quais poderiam ser desenvolvidos estudos

sobre o tema memória, sob diferentes perspectivas. Wersig e Neveling (1975) defendem que a ciência não é algo justificável em si mesma, mas justifica-se por atender a uma demanda social. Em vista disso, devem ser estudados os processos históricos que levaram ao desenvolvimento da CI, por que ela apareceu e que exigências sociais ela deve atender. Para eles, o objetivo da CI é sua responsabilidade social na transferência do conhecimento para aqueles que necessitam (Wersig e Neveling 1975).

Na tentativa de identificar estudos sobre o tema memória, foi realizada uma pesquisa preliminar em duas fontes de informação representativas da Ciência da Informação: o *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST) e a *Library and Information Science Abstracts* (LISA).

O índice cumulativo de palavras-chave e de autores do *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST) não registra o descritor *memory*. Da mesma forma, uma pesquisa por assunto na base de dados dessa publicação, usando o mesmo descritor, não apresenta resultados. A situação se repete com o descritor *conservation*. A pesquisa com o descritor *preservation* registra, apenas, dois artigos.

A lista de cabeçalho de assunto (*Broad Subject Headings*), adotada pela *Library and Information Science Abstracts* – LISA, composta por 19 categorias temáticas, não explicita os termos *memory*, *conservation* ou *preservation*. No entanto, algumas categorias podem abrigar estudos relacionados a estes termos, como por exemplo: 13.0 Computerized Information Storage and Retrieval; 17.0 Knowledge and Learning e 18.0 Record Management.

Posteriormente, a análise do documento *Publications on theoretical foundations of information science* publicado pela *International Federation for Documentation* (FID), em 1974, também evidencia a não ocorrência do tema. Esse documento é uma compilação de 311 *papers* publicados no período de 1960 a 1974, em mais de quinze idiomas, e versam sobre os fundamentos teóricos da Ciência da Informação, seus objetivos, sua terminologia e seus objetos de pesquisa. Constam no documento as referências bibliográficas das

publicações, acompanhadas, quase que em sua totalidade, de seus respectivos resumos, em Inglês. Aqui, também não foram identificados os termos *memory*, *conservation* ou *preservation*.

No Brasil, vários trabalhos dedicados à construção de taxonomias para a área incluem classes ou categorias passíveis de abrigar estudos relacionados à memória.

Odonne e Gomes (2000), em artigo sobre o tema, apresentam um modelo que prevê dez categorias gerais, entre elas a classe 06. Informação, cultura e sociedade, com a seguinte ementa descritiva:

Textos que estudam a globalização, os impactos da informação sobre a sociedade; as unidades de informação enquanto espaços de comunicação e informação; a educação e a cultura; a informação e a construção da cidadania; o papel e a influência dos centros populares de documentação e comunicação, entre outros. (ODONNE E GOMES, 2000, p.13).

Considerando os registros informacionais como objetos de fundamental importância para a construção da memória social, essa classe sugere um espaço propício à realização de estudos afetos ao tema memória, ao abordar educação, cultura e cidadania.

Além disso, é possível estabelecer, através do mesmo instrumento taxonômico, outros recortes vinculados às categorias de recuperação e disseminação da informação, estudos de usuário e demanda e uso da informação.

Em estudo mais recente, Silva e demais autores (1998) explicitam a questão afirmando:

O tratamento da informação, no sentido técnico do termo, visa precisamente a criação de “memórias”, passíveis de serem utilizadas sempre que houver necessidade de recuperar dados (informação) nelas armazenados. Isto implica procedimentos de controle da informação, de criação de meios de acesso às referidas memórias e de desenvolvimento de dispositivos susceptíveis de accionar os meios de acesso, com vista á recuperação da informação armazenada. Tais procedimentos são naturalmente, objecto de trabalho dos profissionais que desempenham funções nos mais diversos sistemas de informação. (SILVA et al., 1998, p.27)

Apesar da pertinência da realização de pesquisas sobre memória na Ciência da Informação, é intrigante perceber como são raros os estudos que se propõem a discuti-la, seja em seu aspecto cognitivo, seja em seu aspecto social.

O tema aparece de forma mais significativa em textos que tratam de Gestão do Conhecimento, abordagem identificada com frequência na literatura da Ciência da Informação no Brasil. Nesses estudos é explícita a preocupação com a memória organizacional.

Em artigo de 2006, Moresi, ressalta a variedade de concepções utilizadas nos estudos sobre o tema. Apesar disso, é possível observar a relação que é constantemente estabelecida entre memória organizacional, aprendizagem e conhecimento, visando a melhoria do desempenho da organização.

Stein (1995) entende a memória organizacional como uma instância da memória coletiva. Para ele, é da formulação de Halbwachs que decorre a noção de memória de um sistema social específico, ou seja, a memória de uma organização.

Seguindo a mesma linha de Stein, Walsh e Ungson (1997) entendem memória organizacional como toda informação armazenada relativa à história de uma organização e que pode ser utilizada no processo decisório presente.

Abecker (1997) e Ackerman (1994) apresentam abordagens similares entre si. Ambos entendem a memória organizacional como um mecanismo que possibilita o armazenamento contínuo e a manipulação do conhecimento organizacional. Este mecanismo, chamado por Ackerman de “Organizational Memory” (OM), agrega e provê acesso às diversas fontes de informação da organização, visando apoiar suas ações.

Para Heijst (1997), a memória corporativa deve necessariamente pressupor o armazenamento e a manutenção do conhecimento em uma organização. Apesar de reconhecer que parte da memória está na mente dos trabalhadores, no conhecimento tácito, o autor opta por uma abordagem mais restrita, uma vez que seu objetivo é modelar um sistema de memória organizacional.

Destaca-se, nessas abordagens, o fato dos autores apresentarem a memória organizacional como um sistema a ser implantado nas organizações. O pressuposto é a existência de uma necessidade não atendida pelos demais sistemas. Por outro lado, propõem a elaboração de registros de memória específicos, sem explicitar como seria a apropriação do conhecimento, ou dos registros informacionais, anteriormente acumulado nas diversas unidades da organização.

Atualmente, a interlocução mantida pela Ciência da Informação com a Gestão do Conhecimento sugere que as concepções de memória por ela utilizadas ou concebidas, uma vez apropriadas pela CI, poderão afetar diretamente as diretrizes e práticas do gerenciamento da informação.

No entanto, cabe observar, a despeito das relevantes contribuições da Gestão do Conhecimento, que a memória das organizações não deve ser o único foco de preocupação da CI, na medida em que a diversidade de ambientes nos quais ocorrem os fenômenos informacionais amplia seu escopo de atuação para além do ambiente organizacional.

4 RESULTADOS PARCIAIS DA PESQUISA

Trata-se de pesquisa descritiva e explicativa sobre as concepções de memória na literatura especializada em Ciência da Informação no Brasil, que adota como procedimento, a pesquisa documental e bibliográfica (GIL, 1999) e como método, a análise de conteúdo (BARDIN, 2004).

A primeira etapa da pesquisa consistiu numa “leitura flutuante”³ da literatura da área, o que permitiu constatar a baixa ocorrência do tema no material lido.

³ BARDIN (2004, p.89) define a leitura flutuante como uma atividade da etapa de pré-análise, por sua vez, fase inicial da análise de conteúdo.

A partir dessa constatação, formulou-se a hipótese de que o conceito de memória seria um conceito periférico na produção científica em CI e isso se refletiria na produção bibliográfico-científica da área no Brasil.

Resultou, também, desta pré-análise a delimitação do universo de documentos a serem analisados, tendo em vista os objetivos estabelecidos. Portanto, para melhor compreensão do tratamento dado ao tema memória no âmbito da CI e seus reflexos no conhecimento produzido pelos cientistas da informação no Brasil, serão analisadas as seguintes fontes de informação:

1. Obras fundamentais da Ciência da Informação.
2. Teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação existentes no Brasil.
3. Anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB).
4. Artigos dos periódicos ligados aos programas de pós-graduação em CI.

Para a definição das obras consideradas como fundamentais da área, serão analisadas duas fontes: a publicação da International Federation for Documentation (FID) *Publications on theoretical foundations of information science* e os artigos de revisão do *Annual Review of Information Science and Technology (ARIST)*.

Às teses e dissertações, comunicações e artigos referentes ao tema, serão aplicados dois filtros: 1. documentos produzidos pelos profissionais ligados aos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação - professores, estudantes e egressos; 2. documentos produzidos a partir de 1970, ano de início da pós-graduação em CI no Brasil, até o ano de 2005.

Os documentos selecionados serão objeto de análise qualitativa, considerando-se duas variáveis referentes às condições de produção das mensagens: 1. área de concentração e linhas de pesquisa dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação às quais os trabalhos estão vinculados (contexto); 2. formação acadêmica inicial dos autores dos trabalhos referentes ao tema memória (emissor).

Com relação aos cursos de pós-graduação, cabe uma ressalva. Apesar da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) incluir os programas de pós-graduação em Memória Social da UNIRIO e em Comunicação e Informação da UFRGS em sua lista de programas de pós-graduação na área, nesta pesquisa adotou-se o entendimento da CAPES, que não inclui os programas citados. Além disso, observou-se que a inclusão do programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO provoca um viés significativo nos resultados da pesquisa.

O pré-teste foi realizado em duas fontes documentais do universo da pesquisa: teses e dissertações e artigos de periódicos brasileiros. A presença do tema memória foi considerada positiva na ocorrência de um dos seguintes descritores: mnemo, memo, memória, conservação e preservação. As unidades de contexto pesquisadas nas teses e dissertações foram o título e as palavras-chave (ou assunto). Nos artigos, o resumo foi incluído como unidade de contexto. Posteriormente, foi efetuado o levantamento de dados nas comunicações apresentadas nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), considerando-se os elementos título, resumo e palavras-chave. A inclusão do resumo foi motivada pela ausência de palavras-chave, em determinados períodos cronológicos, no caso dos periódicos e dos anais dos ENANCIBs.

Teses e dissertações

As fontes de informação utilizadas foram as bases de teses e dissertações disponíveis nas páginas dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação e a base de teses e dissertações da CAPES. Apenas as informações referentes à Universidade Federal da Paraíba (UFPb) foram obtidas através de pesquisa *in loco*⁴ e em listagem fornecida pelo próprio programa.

⁴ As informações referentes às dissertações da UFPb foram obtidas em pesquisa realizada no acervo da Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade.

Tabela 1: Teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciência da Informação no Brasil (1972-2005)

Instituição	Quantidade de Teses (T) e Dissertações (D)	Quantidade de T e D sobre memória	% sobre o total
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)/UFF e IBICT/UFRJ ⁵	417 (1972 a 2005)	08	1,9
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	301 (1978 a 2005)	05	1,7
Universidade de Brasília (UnB)	206 (1980 a 2005)	03	1,4
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCamp)	44 (2003 a 2005)	00	00
Universidade Federal da Bahia (UFBa)	18 (2001 a 2005)	00	00
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	09 (2005)	00	00
Universidade Federal da Paraíba (UFPb)	69 (1980 a 2005)	00	00
Universidade Estadual Paulista (UNESP)	59 (2001 a 2005)	01	1,7
Universidade de São Paulo (USP)	164 (1983 a 2005)	09	3,5
Total	1287	26	2,0

Fontes: Elaboração própria a partir das bases disponíveis nas páginas dos programas na Internet e em visita à UFPb.

O levantamento de dados sobre as teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação, nesse primeiro momento, evidencia uma baixa preocupação com a temática da memória. O total de trabalhos identificados representa apenas 2,0% do total, conforme se observa na Tabela 1.

⁵ No caso do programa da UFF, a instituição base considerada foi o IBICT, origem do programa que já foi vinculado, também, à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Periódicos especializados em Ciência da Informação

Os periódicos incluídos nesta pesquisa são aqueles ligados aos programas de pós-graduação *stricto sensu* em CI, exceção feita aos periódicos Ciência da Informação e Datagramazero. O periódico Ciência da Informação, apesar de não estar diretamente vinculado a um programa de pós, foi incluído por ser editado pelo IBICT, instituição que mantém, há décadas, um programa de pós-graduação. O periódico Datagramazero está vinculado à organização não-governamental Instituto de Adaptação e Inserção na Sociedade da Informação (IASI) e foi incluído tendo em vista sua identidade com o meio acadêmico (seu conselho editorial é formado majoritariamente por docentes dos cursos de pós-graduação em CI) e a significativa presença de professores vinculados aos programas na autoria de seus artigos. Esta característica foi observada a partir da identificação dos autores que mais publicam no Datagramazero, informação disponível na página do periódico na Internet, no link *autores e artigos* (http://www.dgz.org.br/fev08/F_I_aut.htm).

No período analisado, o periódico Informare, já fora de circulação, foi o único a dedicar um número específico ao tema memória, sob o título Informação, Memória e Sociedade (n. 2, v. 4, jul-dez 1998).

Tabela 2: Artigos sobre memória nos periódicos de Ciência da Informação (1972/2005)

Periódico	Instituição	Total de Artigos	Artigos sobre memória	% sobre o total de artigos
BJIS (a partir de 2006)	UNESP/Marília	Fora do período analisado	-	-
Ciência da Informação	IBICT	447	18	4,02
Datagramazero	IASI	164	11	6,71
Encontros Bibli	UFSC	83	8	9,64
Informação e Sociedade: estudos	UFPb	190	8	4,21

Informare	UFRJ/IBICT	72	6	8,33
Perspectivas em CI	UFMG	178	3	
Pontodeacesso (a partir de 2007)	UFBa	Fora do período analisado	-	-
Transinformação	PUCCamp	277	8	2,88
Total		1411	62	4,39

Fontes: elaboração própria, com base nas páginas dos periódicos na Internet, e na base de dados ABCDM de autoria do Prof. Jayme Leiro (UnB).

É possível perceber a pouca expressão dos artigos sobre memória nos sete periódicos analisados. Foram identificados apenas 62 artigos referentes ao tema, o que reforça o quadro de baixa ocorrência identificado nas teses e dissertações. O período pesquisado compreende o ano de criação do primeiro periódico da área, *Ciência da Informação*, em 1972, até 2005. Foram considerados apenas os trabalhos publicados na seção Artigos de cada revista, com exceção do periódico *Informação & Sociedade: estudos*, do qual foram consideradas as contribuições de duas seções: “Memórias Científicas Originais” e “Artigos de Revisão”.

Comunicações nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB).

Quando o tema é memória, é possível observar que os dados referentes às comunicações apresentadas nos ENANCIBs apontam para outros produtores de conhecimento, além dos programas de pós-graduação em CI.

Na Tabela 2, mais de 43% das comunicações que se relacionam ao tema não é produto dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Cabe destacar as autorias originadas no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO, responsável por 55% dos trabalhos incluídos na categoria “outros”, ou seja, onze (11) de um total de vinte (20). Os trabalhos apresentados por este Programa perfazem um total de onze

(11), o que supera o número obtido pelos programas de pós-graduação em CI individualmente.

Tabela 2: ENANCIB – comunicações sobre memória x instituição

Instituição \ Ano	Ano							% sobre o total de comunicações sobre memória
	1994	1995	1997	2000	2003	2005	1.1.1.	
IBICT//UFF e IBICT/UFRJ	0	2	1	2	1	2	8	17,2
UFMG	0	0	2	2	0	2	6	12,9
UnB	0	0	0	3	1	0	4	8,6
PUCCamp	0	1	1	0	0	0	2	4,3
UFBa	0	0	1	0	0	1	2	4,3
UFSC	0	0	0	0	0	0	0	0
UFPb	0	2	0	0	0	0	2	4,3
UNESP	0	0	0	0	0	0	0	00
USP	0	0	1	0	0	1	2	4,3
Outros	0	2	2	7	4	5	20	43
1.1.1.2 Total	0	7	8	14	6	11	46	

Fonte: Anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível observar nas origens da CI, mais precisamente nas contribuições de Paul Otlet e Vannevar Bush, duas vertentes de estudos para o tema memória: a primeira relacionada à formação de uma memória social, através da preservação dos registros da informação, e a segunda relacionada ao processo cognitivo na recuperação da informação.

Apesar disso, os resultados obtidos até o momento, não apontam para um interesse específico dos cientistas da informação por essa temática, sendo as contribuições mais significativas aquelas que estabelecem interface com a Gestão do Conhecimento, trazendo, para o ambiente da CI, o conceito de Memória Organizacional.

Em que pese a pouca expressão do tema explicitada pelos resultados, a tendência é de crescimento, como pode ser observado no gráfico apresentado a seguir.

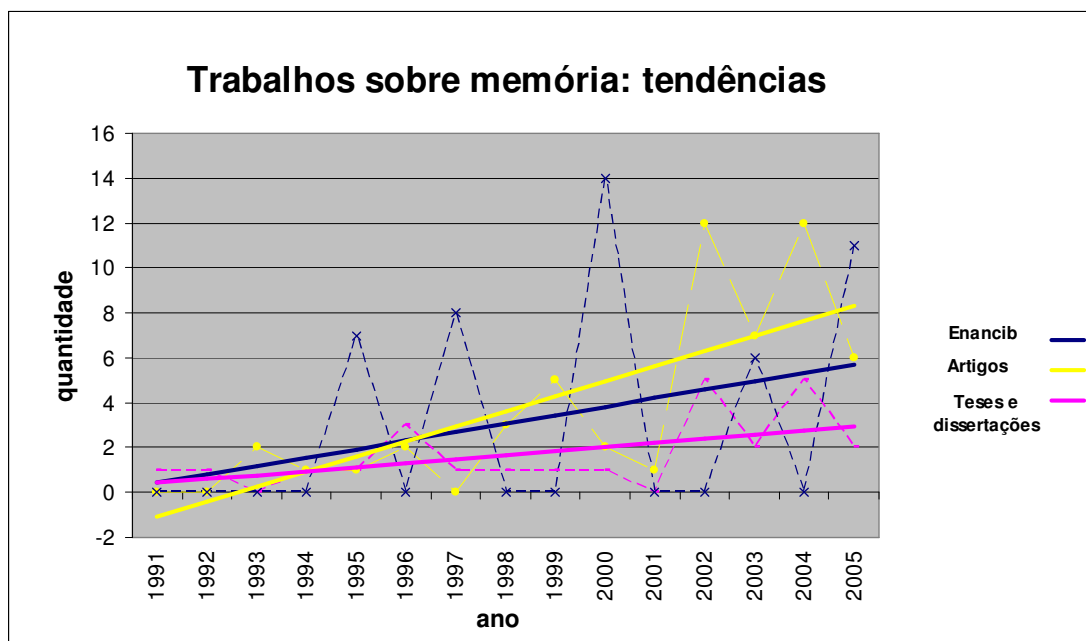


Figura 1: tendência de produção de trabalhos sobre memória

Para a elaboração do gráfico, foi estabelecido um recorte no ano de 1991. Esse ano registra a ocorrência do primeiro trabalho sobre o tema num programa de pós-graduação em Ciência da Informação, considerando-se os descritores utilizados e os campos selecionados para análise.

As linhas pontilhadas permitem visualizar o registro numérico das ocorrências. No entanto, as linhas contínuas representam melhor a tendência de crescimento,

especialmente no caso do ENANCIB, cuja variação acentuada corresponde aos anos de realização ou não do encontro.

Os resultados do pré-teste parecem confirmar a hipótese referente ao papel periférico ocupado pelo tema memória no conhecimento sistematizado pela Ciência da Informação no Brasil. Isso é evidente nos números pouco expressivos encontrados nas três formas de comunicação científica analisadas.

Uma questão que pode ser levantada a partir dos números obtidos é se os programas de pós-graduação em CI constituem-se em espaços favoráveis à produção científica sobre memória, uma vez que alguns autores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO são egressos daqueles programas.

Na próxima etapa da pesquisa, os dados obtidos serão analisados quanto aos aspectos quantitativo e qualitativo, por meio da análise de conteúdo. As categorias serão estabelecidas durante o processo de análise. Também será investigado o possível impacto da transformação dos cursos de pós-graduação de Biblioteconomia e Documentação em cursos de Ciência da Informação na ocorrência do tema memória nas pesquisas produzidas nestes cursos.

Artigo submetido em 29/09/2009 e aceito para publicação em 21/12/2009.

REFERÊNCIAS

ABCKER, A. et al. **Towards a Well-Founded Technology For Organizational Memories**. Disp. em: <http://ksi.cpsc.ucalgary.ca/AIKM97/abecker/OM.html>. Acesso em jun. 2007.

ACKERMAN, M. Augmenting Organizational Memory: a field study of answer garden. In **ACM Transactions on Information Systems**, vol. 16, n. 3, p. 203–224, jul.1998.

ARISTÓTELES. **On the Soul. Parva Naturalia. On Breath**. Trad. W. S. Heet. 7. Ed. Londres: Harvard University Press, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luis A. Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche e a genealogia da memória social. In: GONDAR, Jô e DODEBEI, Vera (orgs.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005. p.55-71.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. Trad. Paulo Neves, 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Memória e Vida**. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. Trad. Claudia Berliner, 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, jan. 1968.

BUSH, Vannevar. As we may think. **Atlantic Monthly** 176, nº. 1: 101-108, 1945.

GONDAR, Jô. “Quatro proposições sobre memória social”. In: GONDAR, Jô e DODEBEI, Vera (orgs.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro Editora, 2004a.

_____. **Los marcos sociales de la memoria**. Trad. Manuel A. Baeza e Michel Mujica. Rubí (Barcelona): Antrophos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004b.

LE COADIC. **A Ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MORESI, Eduardo A. Memória organizacional e gestão do conhecimento. In: TARAPANOFF, Kira (Org.) **Inteligência, informação e conhecimento**. Brasília: IBICT, UNESCO, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral** (a). São Paulo: Moraes, 1985.

NORA, P. "Entre memória e história: a problemática dos lugares". **Estudos Históricos**. São Paulo: PUC, 1984.

ODDONE, Nanci; GOMES, Maria Yêda Falcão Soares de Filgueiras. Uma nova taxonomia para a ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. Em CD-rom

OTLET, P. **El tratado de documentación: el libro sobre el libro. Teoría y práctica**. Traducción de M^a Dolores Ayuso. Murcia: Universidad de Murcia, 1996.

PINHEIRO, Lena V. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. In: **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005 p.13 a 47.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n.10, 1992.

RIBEIRO, Fernanda. Gestão da informação / Preservação da memória na era pós-custodial: um equilíbrio precário? In **Conservar para que?** OITAVA MESA-REDONDA DE PRIMAVERA. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2005. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/site/default>.> Acesso em: 30 de out. de 2007.

ROBREDO, Jaime. Organização dos documentos ou organização da informação: uma questão de escolha. In SEMINÁRIO GESTÃO DA INFORMAÇÃO: DESAFIOS E SOLUÇÕES. Brasília: ACECO, Arquivo Nacional, Câmara dos Deputados, Conselho da Justiça Federal, Senado Federal e Universidade de Brasília. 2003.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SARACEVIC, T. Information Science: origin, evolution and relations. In: VAKKARI, Pertti; CRONIN, Blaise (Eds.). **Conceptions of Library and Information Science; historical, empirical and theoretical perspectives**. In: INTERNATIONAL CONFERENCE FOR THE CELEBRATION OF 20TH ANNIVERSARY OF THE DEPARTMENT OF INFORMATION STUDIES, UNIVERSITY OF TAMPERE, FINLAND. 1991. **Proceedings...** London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992.

SILVA, Armando M. da. et. al. **Arquivística – Teoria e prática de uma Ciência da Informação**. Porto: Edições Afrontamento, 1998.

STEIN, Eric W. Organizational Memory: Review of Concepts and Recommendations for Management. **International Journal of Information Management**, v.15, n.1, p.17-32, 1995.

WALSH James, UNGSON G. Rivera. Organizational Memory. In: **Knowledge in Organizations (Resources for the Knowledge-Based Economy)** Laurence Prusak (editor). USA: Butterworth-Heinemann, 1997.

WERSIG, G., NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. **The Information Scientist**. v.9, n.4, 1975 (versão traduzida por Tarcísio Zandonade).

_____. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, Oxford, v.29, n.2, 1993.

YATES, Frances. **The art of memory**. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1966.